

A Mosca no Leite
José Reis*

A avaliação, pelo conselho universitário da UFRGS, da implantação do programa de cotas sociais e étnicas colocou o debate em termos quentíssimos e esta mobilizando a comunidade. Entretanto, as ações ofensivas, racistas e vândalas de parte dos contrários nos últimos dias explicitam o quão violento pode ser o argumento, ou melhor, a falta de argumentos de certos grupos.

Chama a atenção que a implantação de políticas afirmativas semelhantes quando da criação da UERGS, ou mais recentemente, a implantação de cotas étnicas nos Concursos da Prefeitura de Porto Alegre, não sofreram tanta oposição e geraram um debate mínimo. Certamente, isso decorre por estas duas políticas não atingiram os interesses dos herdeiros e dependentes das elites que são os que acessam a maioria das vagas na UFRGS.

Aliás, a frase pichada pelos vândalos: “Negro só se for na cozinha do RU, cotas não”; revela muito além da oposição à política de Cotas. Nessa afirmação transparece como é/era velado e seletivo o racismo existente entre nós, gaúchos, que não nós cansamos de exaltar que somos o povo mais culto e politizado do país. Enquanto os negros forem maioria como porteiros, vigilantes, serventes, auxiliares de limpeza, cozinheiros, não há problema e a convivência será pacífica.

Agora, se ousarem ocupar 20% das vagas destinadas aos alunos a discórdia instala-se. E o que era uma convivência “cordial e pacífica” entre grupos raciais torna-se violenta, por culpa de uns negrinhos que ousam disputar mais vagas para reparar distorções sócias, econômicas, culturais e étnicas seculares.

Explícito, por fim, que quem redige e exprime as palavras acima, é um negro que teve a felicidade de ser aprovado em dois vestibulares na UFRGS, um para matemática, em 1981 (curso que não conclui, pois, na época as aulas eram diurnas e tive que começar a trabalhar) e Ciências Econômicas, em 1985 (concluído em 1990).

Foram dez anos de bancos escolares na Universidade Federal. Nesse período, certamente, não cruzei por mais de trinta alunos negros na Universidade (nem vou arriscar a falar do tema de professores negros, pois este é outro capítulo). O número máximo de negros em uma mesma sala de aula que encontrei foram quatro em uma turma de 60 alunos.

Em 1997, por dois semestres, voltei a frequentar o campus da UFRGS, contratado como Professor Substituto (aliás, a questão professores negros, quem sabe mereça um outro o debate) lecionando em 3 cadeiras dos cursos de Economia e Administração. O cenário em termos de estudantes negros era o mesmo: imensa minoria.

Nesses dois momentos em que convivi no ambiente universitário vivi e, tenho certeza, que os demais estudantes negros que passaram pelos bancos da UFRGS, como uma “mosca em um recipiente com leite”. Pensem, nisso senhores e senhoras conselheiros.

*economista e cientista político